

Antonio Di Benedetto

«Um grande escritor que deveríamos
conhecer.» J. M. Coetzee, Prémio
Nobel de Literatura

ZAMA



cavalo de ferro

Às vítimas da espera

ANO DE 1790

1

Saí da cidade, acompanhando a margem do rio, ao encontro solitário do barco que esperava, sem saber quando viria.

Cheguei ao velho molhe, construção inexplicável, já que a cidade e o seu porto sempre estiveram onde estão, um quarto de légua mais acima.

Rodeada pelas estacas, balança a porção de água do rio que ali vai ter.

Na sua pequena onda e nos seus redemoinhos sem saída, ia e vinha, com precisão, um macaco morto, ainda inteiro e não decomposto. A água, em frente à floresta, sempre foi um convite à viagem, que ele não fez até deixar de ser macaco para ser cadáver de macaco. A água queria levá-lo, e levava, mas ele enredou-se entre as estacas do molhe decrépito e ali estava, quase de partida e não, ali estávamos.

Ali estávamos, quase de partida e não.

Por ser tão calma, eu protegia-me da natureza desta terra, que é infantil e capaz de alhear-me, e que na lassidão semidesperta me trazia súbitos pensamentos traiçoeiros, desses que não nos oferecem equilíbrio nem, durante algum tempo, sossego. Fazia com que eu desse comigo atento a coisas exteriores, nas quais, se me deixasse ir, podia reconhecer-me.

Esses assuntos ficavam só para mim, excluídos das conversas com o governador e com os outros, devido à minha escassa ou nula facilidade em fazer amigos íntimos com quem me pudesse espraiair. Tinha de encarar a espera – e a desilusão – em solilóquio, sem

dizer nada. Era como me dizia aquele por vezes insolente Ventura Prieto que me abordou naquela tarde, não porque me procurasse, mas certamente porque me encontrou por acaso. Considerava que, nesta terra plana, eu parecia estar num poço. Disse-mo uma vez, e outra, disse-o a outros, ignorando o que todos sabiam: que eu fora galo de briga, ou pelo menos brigão.

Apareceu precisamente quando eu estava entretido com o macaco, e mostrei-lho, para o distrair e evitar que me perguntasse o que estava ali a fazer. E ele, Ventura Prieto, meu inferior hierárquico, meditou um pouco, como se procurasse uma forma de me surpreender em matéria de curiosidades ou descobertas. Contou-me imediatamente uma daquelas coisas a que ele chamava investigações, e que eu não sei se seriam ou não, mas que, por parecerem insinuações, me desconcertavam, deixando-me repercussões que poderiam ultrapassar o tolerável.

Disse que há um peixe, naquele mesmo rio, que as águas rejeitam, e que ele, o peixe, tem de passar a vida, toda a vida, como aquele macaco, num vaivém constante dentro delas; embora de uma forma mais penosa, porque está vivo e tem de lutar constantemente com o fluxo líquido que o quer atirar para terra. Disse Ventura Prieto que esses peixes sofredores, tão apegados ao elemento que os repele, talvez apegados contra sua vontade, têm de dedicar quase toda a sua energia à conquista da permanência e que, embora estejam sempre em risco de serem expulsos do seio do rio, nunca são vistos no centro do caudal mas apenas nas margens, têm uma vida longa, mais do que é normal entre os restantes peixes. Só morrem, disse ainda, quando a sua luta lhes exige demasiado e não conseguem procurar alimento.

Segui com uma curiosidade viciante aquela história, na qual não acreditei. Ao pensar nela, receei pensar no peixe e em mim ao mesmo tempo. Por isso convidei Ventura Prieto a regressar comigo e contive as minhas opiniões.

Tentei ocupar a cabeça com as razões da minha caminhada, com o facto de estar à espera de um barco, e, se um barco chegasse, nele

poderia chegar uma mensagem de Marta e das crianças, embora ela e eles nunca tivessem vindo, e nunca viessem.

2

Consigno apiedar-me de mim, sem a vaidade da mortificação, se o receio não for já de me envergonhar perante os outros, mas de ultrapassar os limites que sem avareza me concedo. Embora reconheça a minha disposição passional, nunca hei de permitir-me estímulos idealizados ou forçados. Nenhuma desculpa é válida diante do instinto que nos avisa e não respeitamos.

Fui atraído por um Sol que, completamente livre das nuvens após vários dias sem tempestade, se tinha acendido até ficar branco e naquele momento conjugava a sua falta de cor e a sua lisura estável com a areia limpa que provoca visões. Cheguei a ver um puma e pensei que era estático e inofensivo como uma decoração, muito liso, sem pormenores, como se não tivesse garras nem dentes, como se as curvas do corpo não denunciassem a sua elasticidade para o salto, mas apenas docilidade e uma meiga predisposição para uma mão carinhosa. Por causa deste puma não avistado, pensei nos jogos que são ou podem ser terríveis, não no momento em que se jogam, mas, sim, antes ou depois.

Procurei a protecção frondosa do ribeiro e deveria ter parado nas primeiras árvores, porque se aproximavam, livres e confiantes, vozes de mulheres entusiasmadas com o prazer da água.

No entanto, avancei e, ocultado pela vegetação, vi por momentos, de frente, corpos nus, morenos e dourado-escuros, e de costas, sem lhe ver as feições, pois só conseguia ver uma nuca com o cabelo

apanhado, um outro corpo que não percebi se era branco ou mulato. Não quis continuar a olhar, porque me arrebatava e podia ser mulata, e eu não podia nem olhar para elas, para não sonhar com elas e dispor-me a cair em desgraça.

Fugi. Mas era evidente que me tinham visto, e, quando me apercebi disso, não cheguei a perceber se, entre o alvoroço que ouvia atrás de mim, ouvia alegria.

As minhas pernas tornaram-se firmes na passada, porque algo me dizia que estava a ser seguido. Homem, não podia ser, porque os homens não vigiam o banho das mulheres; índia, sim, ou mulata, pela rapidez com que andava fora do caminho, onde há ervas e os troncos se atravessam.

Estava quase a alcançar-me, e aquela pressa fez-me perceber que devia querer ver o meu rosto, conhecer-me, que devia ser essa a ordem da sua ama, mas, então, nesse caso esta seria branca. Revoltei-me contra a minha retirada, contra tê-la espreitado privando-me de saber quem era. Tinha de voltar a enfrentar o que quer que fosse: descobri-la e descobrir-me.

Não era possível.

Apenas poderia descarregar na espia o ímpeto que alimentava a minha intenção defraudada.

Com uma repentina viragem à esquerda, meti-me entre as árvores, e ela, apanhada de surpresa, não conseguiu fugir. Assim como estava, em pêlo, agarrei-a pelo pescoço abafando-lhe o grito e esbofetei-a até secar o suor das mãos. Com um gesto brusco, atirei-a ao chão. Encolheu-se, virando-me as costas. Apliquei-lhe um pontapé nas nádegas e fui-me embora.

Levava comigo a fúria atenuada, abrindo caminho a um pensamento severo contra mim mesmo: Carácter! O Meu carácter!... Pois!

A minha mão poderá bater na cara de uma mulher, mas o esbofetado serei eu, porque terei violado a minha dignidade.

Embora isto não fosse assim, embora apenas se devesse à perturbação, sabia que não havia justificação para ceder à ira e castigar o próximo por aquilo que eu mesmo suscitara nele.

3

Era novamente hora da sesta, o que me tornava a cama desejável, mas também arriscada; a sesta que, pelo menos naquele dia, tão perto do dia do banho das mulheres, não queria fazer.

Era hora da sesta, e aquele homem terrível apareceu-me vindo da rua como um meteoro de sol dirigido a mim, entre todos os mortais, com poderes infalíveis.

Agarrou-me pela roupa, e eu tentei pará-lo com um enérgico «Cavalheiro!». Não me ouviu, chamava-me, sem respirar, «espreitador de mulheres» e «mirone nojento que nem sequer aparece». Na confusão de me indignar, de perceber que se tratava do marido, de saber quem ela era e de tentar soltar-me, gritou «Vai haver duelo!», foi-se embora e deixou-me. Deixou-me com vontade de o seguir e o sacudir, enganando-me, contendo-me, com a promessa da sua separação futura, porque, disse ele, haveria duelo.

Mas não haveria. Naquela rua só passou uma cadela com o cio e os seus pretendentes de quatro patas; por conseguinte, nenhuma testemunha lhe exigiria que cumprisse a palavra, fora um aviso explosivo que certamente lhe bastara para ficar sem vontade de me maltratar. Quanto a mim, podia acusar-me de piores fraquezas.

No entanto, jurei que aquela seria a última. Disse a mim mesmo que, se estava disposto a passar por aquilo, era apenas por compreender a razão do seu arrebatamento, sabendo-me culpado. Mas, alegava eu, não devia ter-me insultado. «Mirone nojento», são palavras que entram sem possibilidade de cair no esquecimento.

Se fosse assim, se nunca se realizasse o proclamado duelo, deveria eu deduzir que existe um limite para a satisfação da ofensa, mesmo nos indivíduos aparentemente mais brutos? Deveria eu acreditar que o homem que defende com pouco zelo a sua mulher, mais do que temeroso, é limitado por secretas motivações, que o impedem de se ocupar demasiado dela? Um ódio oculto, uma aversão longínqua, um amor extinto e, no entanto, nada evidente, nem sequer para si mesmo?

4

O governador entregou-me um caso incompreensível. Solicitava-me uma opinião, e eu satisfiz o seu pedido. Não quis pensar se ele, o governador, teria ou não autoridade para tirar um réu da prisão, condenado por homicídio, e fazê-lo ir ao meu escritório só com um guarda para me «explicar a situação», de certa forma, era um exemplo de «por onde e como anda o poder em certos cargos». O importante era atendê-lo, não era perceber como chegara até mim, nem com que alta recomendação, nem os designios de quem o recomendava. Era preciso que eu salvaguardasse a minha estabilidade, o meu posto, precisamente para poder desembaraçar-me dele, do posto.

Era preciso ouvir o preso, o que em pouco tempo percebi ser impossível, porque não é possível ouvir quem não fala. O homem estava decidido, não pela dureza, mas pela ausência, a fazer silêncio sobre o cerne da questão, isto é, sobre a história do seu delito.

O guarda atrás do preso advertiu-me, com muita discrição, de que devíamos esperar uma crise de choro ou outra qualquer manifestação de ordem sentimental.

Não era, portanto, um indivíduo temível, mas, sim, um derrotado.

Para me poupar à cena que, quem sabe, talvez eu mesmo tivesse provocado com a frieza do interrogatório e o aborrecimento que me assolou demasiado cedo, deixei-o sozinho, com o guarda que, mais do que vigiá-lo, parecia fazer dele objecto da sua protecção.

No intervalo, creio que para mudar de ânimo, passei pela sala onde trabalhava Ventura Prieto. Narrei-lhe o caso da mudez que tinha deixado atrás da porta.

Não me arrependi, pois Ventura Prieto, dizendo sem desdém «Assim não vai lá», pediu-me autorização para o ver e me ajudar.

Graças a um sorriso de amigo, que ele parecia ser por se assemelhar pouco ao que se supõe ser um funcionário, Ventura Prieto conseguiu fazer com que aquele espírito enclausurado se abrisse por breves momentos.

Com o olhar baixo e um respeitável peso a agravar-lhe o tom de voz, disse o rapaz ameaçado e prematuramente vencido:

– Eu era um fumador tenaz. Certa noite, para meu espanto, reparei que me tinha nascido uma asa de morcego.

Calou-se.

A sua breve declaração intrigou-nos o suficiente para desejarmos que não voltasse a emudecer. Não o fez. Tinha percebido que as palavras não correspondiam inteiramente ao seu pensamento e procurava, mentalmente, a construção certa. Pouco depois, recomeçou e compôs o seu discurso.

– Eu era um fumador tenaz. Certa noite adormeci com um cigarro na boca. Acordei com medo de acordar. Parecia que adivinhava: tinha-me nascido uma asa de morcego. Com repugnância, na escuridão, procurei a minha maior faca. Cortei-a. Quando chegou a luz do dia, era uma mulher morena, e eu dizia que a amava. Levaram-me preso.

Não voltou a falar.

Partilhámos o seu silêncio.

Com os olhos, indiquei ao guarda que podia levá-lo.

Também Ventura Prieto disse que eu deveria encontrar uma forma de o salvar.

Lamentava não ter visto o corpo esfaqueado da mulher morena. Queria saber onde a tinha cortado.

5

Esta absorvente audiência atenuou o estrondo que no meu coração fora causado pelos espaçados tiros de canhão anunciadores da presença de um barco.

O saco da correspondência foi trazido para o palácio do Governo antes que eu tivesse tempo de ir, como das outras vezes, até ao molhe para me aproximar o mais possível das novidades e do rosto dos marinheiros e dos escassos passageiros que chegavam.

O funcionário superior dispôs cuidadosamente sobre a sua mesa as cartas de cada um, nenhuma para Dom Diego de Zama, porque as minhas mãos estavam destinadas a permanecer vazias durante muito tempo.

Esta ausência de notícias de Marta, de meus filhos e de minha mãe, causou-me uma depressão que já sentira em várias chegadas de barco, mas que, somando-se às outras, no decorrer dos 14 meses de permanência ali, me abatia ainda mais.

Quando saí do meu escritório, dispensei o espectáculo sempre desejável de mais uma embarcação, grande e vistosa, ancorada no porto.

Regressei a casa.

Pedi a uma escrava um lanche de ovos de galinha. Pela estranheza, já que eu comia sempre fora de casa, isto chamou a atenção das filhas do meu anfitrião, Dom Domingo Gallegos Moyano, e determinou que mais tarde uma delas se aproximasse dos meus aposentos para me oferecer um mate, que aceitei.

Dediquei a segunda metade do dia a uma epístola, contida e queixosa, dirigida a Marta, que o barco levaria no seu caminho pelo rio abaixo.

Descrevia devagar na minha mente a viagem da carta, por água até Buenos Aires, depois por terra centenas de léguas rumo a oeste, e doíam-me as queixas, ainda frescas no papel que a minha mulher, longe e sem o seu homem, haveria de ler três ou quatro meses mais tarde, talvez num dia em que eu estivesse feliz. Mas não alterei o que escrevi.

No meu recolhimento, ao crepúsculo, anunciaram-me uma visita.

Como eu ignorava qual o barco que tinha chegado, desconhecia que o comandante era meu amigo, o oficial Indalecio Zabaleta, que abracei com força e carinho.

Imaginei que para me procurar tão cedo, afastando-se dos assuntos que normalmente ocupam um comandante no seu primeiro dia de porto, deveria trazer alguma coisa para mim. Mas outra pessoa desviou a minha atenção antes que eu lhe fizesse qualquer pergunta.

Do outro lado da porta, na galeria, estava parado – pareceu-me tímido – um rapazinho. Certamente viera com Indalecio e podia ser seu filho. No entanto, isso não me interessava mas sim os seus gestos, elegantemente agitados, e os olhos, reveladores de uma comção que, mal o comandante se virou para ele, se manifestou sem precisar de outro estímulo.

Correu e lançou-se nos meus braços, tremendo num soluço que, pensei, era de gosto e entusiasmo.

Tinha razão. Indalecio explicou-me, impressionado, talvez orgulhoso da exaltação do seu rebento.

– Durante a viagem contei-lhe quem era o doutor Dom Diego de Zama.

O doutor Diego de Zama homenageado, de forma imprevisível e tocante, por um rapaz de 12 anos. Esse reconhecimento contrastava com tantos esquecimentos e humilhações suportadas durante dias e dias até àquela tarde.

O doutor Dom Diego, de Zama!... O enérgico, o executante, o pacificador de índios, o que fez justiça sem usar a espada. Zama, o que dominou a rebelião indígena sem derramar sangue espanhol, ganhou honrarias do monarca e o respeito dos vencidos. Não era o Zama das funções sem surpresas nem riscos. Zama, o corregedor, ignorava com arrogância o Zama assessor letrado, enquanto este se esforçava por mostrar, mais do que as semelhanças, a identidade absoluta que se impunha. Explicava ao antigo corregedor a assessoria, o segundo cargo em toda a província, imediatamente a seguir ao de governador. Mas, ao fazê-lo, o Zama assessor sabia, sem conseguir escondê-lo, que neste país, mais do que em outros do reino, os cargos não endeusam, nem se faz um herói sem compromisso de vida, mesmo que falte a justificação de uma causa. O Zama assessor tinha de reconhecer em si um Zama condicionado e sem oportunidades.

A esta altura do duelo, o Zama diminuído poderia desconfiar que o Zama feroz não era assim tão aguerrido e temível: um corregedor de espírito justiceiro consegue seduzir facilmente a vontade de escravos submetidos a meses de repressão mais do que violenta, cruel.

Eu fui esse corregedor: um homem de Direito, um juiz, e esse brilho, na verdade, sem ser o de um herói, não admitia omissões nem desmentidos sobre a sua pureza e o seu valor. Um homem sem medo, com vocação e poder para pôr fim, pelo menos, aos crimes. Sem medo.

«Contei-lhe quem *era* Zama.» O resplendor da minha outra vida, que não era suficiente para compensar a falta de brilho da vida que tinha naquela altura.

Zama *tinha sido* e não podia modificar o que fora. Podia pensar-se que, pelo meu passado, eu estava destinado a um futuro melhor. Aquela criança, o filho de Indalecio, vinha exigir-mo com a sua emoção admirativa.

Contudo, eu via o passado como algo visceral, disforme e, ao mesmo tempo, aperfeiçoável. Nos elementos nobres – quando muito

—, reconhecia qualquer coisa pegajosa, desagradável e difícil de agarrar como os intestinos de um animal recém-esventrado. Não o negava; encarava-o como uma parte de mim, e até como imprescindível, embora não tivesse interferido na sua elaboração. Ainda assim, esperava ser eu no futuro, conforme o que esse futuro viesse a ser.

Talvez acreditasse que já o era e vivesse em função dessa imagem que me esperava mais adiante. Talvez aquele Zama que desejava parecer-se com o Zama vindouro se agarrasse ao Zama que fora, copiando-o, como se, medroso, estivesse em risco de interromper alguma coisa.

Enquanto bebíamos aguardente, soube que Indalecio estivera em Buenos Aires com o meu cunhado, meu representante junto do vice-rei a propósito da transferência a que eu tinha total direito e que precisava de obter.

As promessas eram para uma data indeterminada, mas os sinais eram positivos.

Em troca da notícia, em que acreditei, embora não totalmente, pois tinha algumas características duvidosas, confessei ao comandante as minhas necessidades: não desejava tanto uma promoção, como a colocação em Buenos Aires ou em Santiago do Chile, porque a minha carreira estava estagnada num posto que, como me insinuaram na altura da nomeação, implicaria apenas um breve afastamento. Além disso, entre a minha mulher e eu havia metade do comprimento de dois países e toda a largura do segundo.

No entanto, talvez devido à presença da criança, guardei para mim a confissão total: até que ponto a distância implicava tortura, pela rigorosa lealdade guardada a Marta, embora, em consciência, eu não conseguisse explicar claramente por que razão lhe era tão fiel.

Jantámos na estalagem.

No regresso, muito tarde, maravilhei-me com a superioridade solitária da Lua e, com a ajuda do álcool, senti-me predisposto

a igualá-la fosse qual fosse a situação. As ruas solitárias, ladeadas de casas senhoriais e de baldios abandonados e escuros, o terreno acidentado na sua descida em direcção ao rio, eram propícios a um imprevisto que o meu estoque, com certeza, saberia enfrentar sem hesitação.

Sentia-me corajoso e imensamente disposto a amar, nessa noite.

Tive, como imaginara, um imprevisto e uma mulher bonita e des-pudorada diante de mim.

Como já era muito tarde, entrei em casa pelos fundos, usando a escondida porta da horta, que fica já depois do pátio dos empregados.

Creio que a minha inesperada presença naquele lugar, e sendo tão tarde, perturbou qualquer coisa. Calculo que alguém se tenha esquivado ou escondido muito bem antes de eu entrar.

Mas houve quem não conseguisse esconder-se o suficiente. Tentou uma fuga tardia protegida pelas paredes, e percebi que era uma mulher, sem a identificar. Com dez passos largos, muito tácticos, cheguei onde podia barrar-lhe a passagem; e ela, sem dúvida vendo-se irremediavelmente interceptada, não se deteve.

Avançava a direito, e aquele momento de espera deve ter-me atingido mais a mim do que a ela, porque tive o optimismo e o atrevimento de alimentar rápidas esperanças.

Era Rita, a filha mais nova de Dom Domingo, o meu anfitrião. Reconheci-a quando ainda estávamos à distância de quatro varas, apesar da mantilha que reduzia um pouco a claridade da Lua sobre o seu rosto. Mulher lunar, disse para mim mesmo, para dar um nome à situação; mas o que me fazia estremecer era outra coisa.

Ainda não tinha dado dois passos e caiu no chão. Tinha tropeçado. Corri em seu auxílio, embora estivesse já a levantar-se e fosse evidente que não precisava de ajuda. Mas eu, descontrolado, aproveitando o momento, peguei-a por trás e acabei por levantá-la enquanto as minhas mãos sedentas faziam pressão sobre os seus seios. Eram macios, como se tivessem sido muito tocados.

Exigiu-me que guardasse silêncio sobre a sua escapada nocturna. As minhas intenções estavam à vista, sem qualquer dúvida. Ela

ignorou-as. Recompоста, leve, fazendo-se desentendida quanto ao meu abraço, olhou-me com um olhar decidido e pronunciou umas quantas palavras de agradecimento, como se fosse um grande favor, e, com dignidade e prudência, retirou-se para a zona dos quartos.

Não podia imputar-me atrevimento nem abuso. Percebeu isso imediatamente. Em contrapartida, deu-me a entender que não me temia.

Demorei um pouco na horta. Fiquei por momentos virado para o local por onde ela desaparecera. Suponho que devo ter ficado estupidamente entorpecido e absorto.

Depois, reagindo, deitei-me num pedaço de erva perfumada. Precisava que a ideia de aventura que encontrara nessa noite se prolongasse um pouco mais. Porque se tinha revelado como uma hipótese, sob o meu próprio tecto. Branca e espanhola; muito jovem. As minhas mãos sabiam que não era pura.

6

Festa em casa de Dom Godofredo Alijo, ministro da Real Fazenda.

A sua mulher tinha anunciado que seria uma festa à inglesa e marcou para as cinco da tarde. Mandou servir um cacau fumegante com copinhos de licor doce e frutas cristalizadas. Todos diziam que era «muito inglês», e eu abster-me de dar a minha opinião, porque tinha observado nas costas do Pacífico que os ingleses que bebiam aquilo, habitualmente e como alimento, eram os marinheiros. Aos meus cotertulianos, sobretudo aos homens, não teria desagradado saber que era uma bebida de marinheiros, já que, de certa forma, aqui as pessoas têm hábitos simples, mas não lhes teria caído bem saber que para os marinheiros se tratava de um alimento e não de uma guloseima. Por fim, para variar e para não ignorar os costumes, a dona da casa apresentou também mate, que foi sem dúvida mais apreciado do que o cacau.

Antes do jantar juntou-se a nós uma pessoa que se permitira prescindir da «recepção à inglesa». Vi-a assim que surgiu à porta, e, a partir desse instante, aquela reunião transformou-se para mim num subtil jogo de expectativas.

Era a mulher do meteoro de sol, Luciana. Cônjuge de Honório Piñares de Luenga, colega de Godofredo Alijo, mais uma vez ausente sem que ninguém reparasse, porque era sempre a sua mulher e não ele quem aparecia nos encontros sociais, e o grupinho oficial acabara por se habituar a que assim fosse.

Naturalmente, Luciana não era para mim uma desconhecida, e até já tínhamos chegado a trocar algumas palavras. Desde que soube, através da ameaça do marido, que era ela a mulher que estava

a tomar banho no riacho, passei a prescindir dos meus rasgos imaginativos sobre o seu corpo, agraciado com aquela imagem, mais do que as suas roupas me permitiriam supor. No entanto, sabia que estava diante de algo proibido e impossível.

Embora Piñares não tivesse comparecido, a presença dela na festa entorpecia-me, travava-me os movimentos, sobretudo porque não me dirigiu um único olhar nem me deu a mais pequena hipótese de um cumprimento pessoal que eu não teria sabido como lhe apresentar.

Recriminei-me por não ter previsto aquele encontro, absolutamente lógico, porque Alijo e Piñares pertenciam ao mesmo grupo. Mas, na verdade, nos dias que mediaram entre o convite e o encontro, a minha atenção estivera posta, exclusivamente, em Rita.

Fiquei em casa mais tempo do que nunca. Observei-lhe os movimentos, vigiei as suas idas à missa, tudo à espera de um qualquer sinal de aceitação para retribuir o meu encobrimento. Mas prescindi orgulhosamente de mim.

Fiquei um pouco febril, como se a febre tivesse origem na cabeça, dedicada a Rita e aos planos que fazia com ela.

A festa foi para mim um alívio.

Três horas de tertúlia, entre cacau e jantar, tinham forçosamente de acrescentar alguma familiaridade ao nosso pequeno círculo, habituado a uma vida quotidiana sempre repetida ao longo dos meses e dos anos.

Podíamos permitir-nos a muita coisa, todos, embora, na verdade, eu me permitisse mais do que a minha natureza correcta me autorizava a fazer aos outros.

Alguém propôs, no grupo dos homens, que no fim do jantar, quando as mulheres regressassem a casa, se fizesse um encontro com mulatas livres numa certa casa dos arredores. Como a maioria aprovou a ideia com evidente lascívia, um organizador consagrado começou a perguntar um a um quem iria, para poder fazer cálculos e organizar tudo sem perder muito tempo.

Eu estava hesitante, até que chegou a minha vez e recusei.

Então, um deles, que, tal como os outros, estava a par do meu comportamento, perguntou-me sem maldade:

– Tem de ser branca, é isso?

– E espanhola! – respondi com arrogância.

O tom determinado da minha resposta afastou qualquer possibilidade de comentário.

O organizador continuou a fazer a sua lista.

Só o homem que fizera a pergunta não reprimiu a curiosidade e, respeitosa e discretamente, atreveu-se a chamar-me à parte para me dizer que estava espantado com a minha preferência exclusiva. Pediu-me que lhe desse a honra de lhe revelar se ao proceder daquela forma estava a cumprir algum voto de carácter religioso.

Respondi-lhe a verdade:

– Temo o contágio do mal gálico¹. Receio perder o nariz, devorado pela doença.

Deixou-me em paz.

Não lhe tinha confessado a totalidade dos meus motivos, apenas um dos principais.

Nunca, até o ter feito, poderia prever que iria revelar daquela forma as minhas apreensões e a razão da minha conduta a uma pessoa estranha à minha intimidade.

Mas era um cavalheiro, e nem o menor gesto insinuou a troça a que poderia ter-se permitido quando, à mesa, falando com os comensais mais próximos e até com as senhoras, o dono da casa discursou com aprovação sobre os homens virtuosos e insinuou qual dos tertulianos poderia ser considerado como tal.

Eu encontrava-me no seu raio de alcance, tal como Luciana que não parecia estar a ouvir o discurso moralista. No entanto, quando o orador insinuou quem seria, entre os presentes, aquele que carregava,

¹ Sífilis. [N. T.]

na sua opinião, o tormento branco e santificado da pureza, Luciana soltou o brilho do olhar, penetrando-me; os seus olhos ficaram presos aos meus por um instante. Foi como se ela respondesse sem resistir ao chamamento de algo novo e levemente estranho.

Senti-me subitamente acalmado e afável. Consegui, sem dificuldade, abstrair-me da aprovação de outros olhares silenciosos e concentrar-me apenas naquele, fugaz, da mulher da nudez admirável, que já conseguia recordar sem sensualidade e ignorando propositadamente que, nessa noite, entre as outras mulheres, ela não parecia superior a nenhuma delas.

Durante o jantar não voltou a dar-me atenção. Esse desinteresse atraiu-me ainda mais e até me levou a beber um pouco em excesso na tentativa de ficar animado e parecer brilhante, o que, como verifiquei, não era coisa que seduzisse Luciana.

Voltei a transformar a minha ansiedade em prudência e silêncio.

Não sabia até que ponto me tinha desmascarado. Apercebi-me, não sem nervosismo, quando afastei a cadeira para abandonar a mesa, como todos faziam, e o funcionário superior, Bermúdez, se aproximou do meu ouvido, simulando para os outros uma confiança amigável e risonha, e me disse:

– Alguém, perto de mim, teve um encontro que muito nos agradou.

Apontou Luciana Piñares e exclamou:

– É o mais belo corpo de mulher que Zama imaginou.

Era coisa para levantar em mim uma tempestade de carácter. Mas aconteceu que o imaginador de corpos belos recebeu nesse preciso momento, nem um segundo depois, outro olhar da mulher com o corpo mais belo que tinha imaginado. Um olhar que parecia cantar a seguinte mensagem: «Se vos conhecesse melhor».

Se, ao regressar a casa, tivesse dado de caras com Sua Majestade e dos seus lábios saísse a proposta «Zama, queres um cargo em

Buenos Aires com mais prestígio e melhor pagamento, se partires amanhã?», ter-lhe-ia respondido «Ainda não».

Nenhum homem – disse para mim mesmo – despreza a possibilidade de um amor ilícito. É um jogo, um jogo de perigo e satisfação. Se conseguir vencer, ganha a simulação diante da curiosidade de terceiros e contra a sociedade, gratuita vigilante.

Don Diego de Zama, obscuro funcionário da coroa espanhola relegado para cumprir serviço na pequena cidade de Assunção, um canto remoto do império, na fronteira com a selva e nos confins da civilização, sonha com um cargo de prestígio na capital da colónia que resgate a sua vida. Longe da família, afastado dos centros de poder, aguardando por notícias que tardam em chegar, Zama cai vítima de uma espera interminável, em que o próprio significado da sua existência se vai diluindo entre o sonho e a realidade, em imagens cada vez mais visionárias e delirantes que o levam ao limiar da loucura.

Publicado pela primeira vez em 1956, *Zama* é unanimemente considerado um dos grandes romances em língua espanhola do século xx. Romance de um exílio, que reconstrói o passado com uma linguagem intemporal e arcana, é um livro perfeito em que qualidade filosófica se entrecruza com uma prosa deslumbrante, na esteira de autores como Dino Buzzati ou Albert Camus.

ISBN 978-989-623-273-3
9 789896 232733



cavalo de ferro